

Crise leva FH a atacar Lula na televisão

Brasília — Gilberto Alves

O presidente Fernando Henrique Cardoso mudou a estratégia de campanha, ontem à noite, no programa eleitoral gratuito. Pela primeira vez foram feitas críticas diretas ao PT. A crise econômica internacional, que estava ausente da propaganda, também foi abordada. Foram usadas imagens da campanha presidencial de 1994, nas quais Lula, Leonel Brizola e o economista Aloizio Mercadante criticavam o Plano Real.

As mudanças foram feitas um dia depois que o Ibope divulgou uma pesquisa eleitoral, realizada entre os dias 21 e 24 de agosto, que registrou a queda da diferença entre Fernando Henrique e os demais candidatos de 14% para 8%.

O PT foi tratado no programa como um partido que, em todas as eleições, critica sem apontar soluções. A imagem de Lula na última campanha presidencial foi a primeiro a aparecer. O candidato do PT dizia: "Há dois projetos; um que quer controlar a inflação e estabilizar a economia apenas por 30 dias". Depois a propaganda gratuita de Fernando Henrique exibiu as declarações de Mercadante. "Esse plano não foi feito para estabilizar a economia para valer, para ter uma moeda forte. Esse plano foi feito para tentar impedir o Lula de ganhar as eleições". Por último, apareceu Brizola afirmando que "este Plano Real é uma nova armadilha só para ganhar as eleições".

Além de atacar o PT, o programa tratou da crise econômica como "um problema internacional, que atingiu até Japão, Inglaterra e Estados Unidos". Segundo a propaganda, Fernando Henrique, já em 1995, foi um dos primeiros líderes a alertar sobre a crise mundial. Foi exibido um discurso presidencial, na Colômbia, em novembro do ano passado, no qual Fernando Henrique analisa a questão.

Ajuste fiscal — Em Brasília, Fernando Henrique afirmou, em entrevista coletiva de apresentação do seu programa de governo para um possível segundo mandato, que o ajuste fiscal tem que ser uma iniciativa permanente, sem pacotes mas com a adoção das medidas necessárias. Mais tarde, em solenidade no Palácio do Planalto, o presidente fez

um apelo à sociedade por um acordo em defesa de um ajuste fiscal de longo prazo. "Precisamos fazer um pacto nacional por um ajuste fiscal."

Este ajuste, resultante de um pacto, deve ser um conjunto de medidas a serem implementadas gradativamente, explicou. "Não é um ato, um pacote. É um processo, que leva anos." Citou como exemplo a demorada reforma fiscal nos Estados Unidos.

Demonstrando preocupação com a crise financeira internacional, Fernando Henrique disse estar confiante na capacidade de resistência da economia brasileira. As metas estabelecidas em seu programa de governo, porém, poderão não ser atingidas, pois dependem da conjuntura financeira internacional. "O programa que eu tenho aqui é um projeto do Brasil para crescer. Agora, você tem que tentar o máximo, porque eu não sei o que vai acontecer, se vai diminuir a atividade econômica", disse o presidente, acrescentando que a meta de crescimento de 4% do Produto Interno Bruto, que consta na proposta orçamentária do próximo ano, também pode ficar comprometida pela crise econômica mundial.

"O que está embutido no orçamento são três e qualquer coisa de crescimento. Vamos conseguir? Não sei. Só se sabe isso depois do ano seguinte. Nunca se sabe antes", afirmou. Embora o percentual de crescimento previsto pelo Ministério do Planejamento para 1999 seja de 4%, a própria equipe econômica já admitiu rever este valor para um número em torno de 3,5%.

Segundo Fernando Henrique, não é possível antever o desfecho da crise econômica na Rússia, que está desestabilizando mercados no mundo todo. "Não se pode prever qual o desdobramento dessa crise, pode ser para melhor ou para pior", disse. Ele ressaltou, contudo, que o seu governo está se defrontando com cenários de instabilidade internacional desde o início.

"A mim não surpreendem as turbulências. O Brasil se atrasou. Perdeu dez anos, desde a crise de 82. Quando aprumamos, tínhamos perdido os recursos fáceis e a crise do México já estava aí, em 94", disse.



Fernando Henrique faz apelo à sociedade para que seja realizado um "pacto nacional por ajuste fiscal", a ser implementado gradativamente